

PRIMEIRO ANNO

Galeria Republicana

Proprietario e editor — João José Baptista

—M2—JEW—

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE MATTOS MOREIRA & CARDOSOS
Largo do Passeio Público, 15 e 16
1882

R.52

GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Anselmo Xavier, Antonio Furtado, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, N. Alves Correia, Teixeira Bastos, Trigueiros de Martel, Theophilo Braga, Silva Graça, Silva Lisboa, Xavier de Paiva

COLLABORADOR PHOTOGRAPHICO — ANTONIO MARIA SERRA

Numero 1

1882

1.º anno

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

A biographia, feita pelos processos modernos, que estudam o meio em que se desenvolve o individuo, para saber que influencias actuaram no caracter e na intelligencia d'elle, e que simultaneamente estudam as condições hereditarias e psychicas do individuo para saber como elle actuou no meio, é um campo de observações em que não só se póde illuminar a historia como tambem aclar os verdadeiros elementos de uma psychologia positiva.

Diz Mandelsy :

« Como todo o homem é destinado a uma actividade qualquer, e as suas acções resultam evidentemente das suas relações com as circumstancias, é claro que só a biographia, que põe simultaneamente em linha de conta o individuo e as circumstancias, e a sua acção e reacção reciprocas, póde mostrar-nos o homem de uma maneira adequada.

.....
« Não nos devemos, pois, admirar de que a biographia forneça hoje uma porção tão consideravel de litteratura, e de que os romances, estes espelhos mais ou menos fieis, sejam avidamente procurados. Os instinctos praticos da humanidade antecipam aqui, como tanta vez succede, o conhecimento systematico ou o methodo.»

Estas palavras do grande psychologista inglez explicam os fins para que fundámos a *Galeria Republicana*. Ho-

je são incontestavelmente os homens que advogam os principios republicanos, os unicos que tem base scientifica e philosophica, e os que mais effi-

mocracia para se dirigirem á grande massa da nação — o povo : se precisam da clamyde das divisas democraticas, é porque o paiz, repellindo os privilegios e absurdos dynasticos, não accetta idéas que de qualquer modo não lhe pareçam idéas de soberania nacional e de emancipação social.

Sendo nosso intuito tornar conhecidos os homens mais notaveis do partido republicano de modo que se possa ver como elles chegaram a occupar os logares preponderantes e como adquiriram a grande corrente de opinião que os acompanha, quizemos tambem publicar os seus retratos, e é o que de hoje em diante faremos com a maxima regularidade.

Não pouparemos esforços para o bom exito d'esta publicação, e esperamos que o publico nos acolha como costuma acolher os que vão ser os nossos biographados.

GOMES LEAL

Uma noite, não me lembro se em D. Maria, se no Gymnasio, observava eu, n'um dos entre-actos, um rapaz de olhar scintillante, bigode hirsuto, melena desgrehnhada, e que em andar, ora precipitado, ora vagaroso, percorria de um a outro extremo um dos corredores do theatro, fumando um charuto e aguardando que recommecasse o spectaculo.

Ainda que de baixa estatura o seu todo manifestava esse conjunto har-



GOMES LEAL

cazmente e intensamente influem na mentalidade da nação pelo derramamento das idéas democraticas. Isto é tão evidente que todos observamos o modo capcioso como os escriptores retrogradados se dizem adeptos da de-

monico que o tornava regular á vista ; havia, porém, n'elle o quer que fosse que o destacava dos typos usuas da nossa sociedade — um certo ar de petulancia, que, sem provocar a gargalhada, attrahia a attenção. Era mesmo este o assumpto da conversação de alguns circumstantes.

— Quem é este rapaz ? perguntei eu a um amigo meu, indicando-o.

— Pois não o conheces ? respondeu-me elle um tanto admirado. É Gomes Leal.

— Agora comprehendo a impressão que experimentei ao observá-lo. Sem estar iniciado nos mysterios de Lavater ou de mestre Galles, quiz-me logo parecer uma organização diversa das que enxameiam por ahi. Aquelle olhar sciintillante, esse menear de cabeça denuncia um cerebro eruptivo, uma natureza indomita, um d'esses entes que se comprazem em encher de contradicções os actos da vida, que cuidam de impossivel a sujeição na terra e que em cada contrariedade descobrem um novo incentivo ás suas aspirações.

Estuda-o praticamente, atalhou o meu amigo. Vou apresentar-t'o.

Apresento-m'o e travámos desde então relações.

Durante os intervallos immediatos, entabolámos larga pale-tra, e á medida que ella progredia mais se me confirmavam as apprehensões.

O estudo methodico nunca fôra o forte do meu interlocutor ; conhecia-se mesmo que os vôos da sua imaginação preocupavam-se pouco com as fórmulas prescriptas pela analyse e pelo concretismo da sciencia, para lançarem-se em busca de um ideal não explorado e na comprehensão dos arduos problemas sociais cuja solução é ainda para o mundo scientifico o seu martyrio — o *ignotus*. Na sua mente fervilhavam em cachão as idéas, encontrando-se e destruindo-se por vezes como forças eguaes, actuando em sentido diametralmente opposto. O positivismo, o methaphysismo e o theismo, cujos campos descriminava com previsão, commixturavam-se a miudo nas manifestações do seu enthusiasmo, que por vezes attingia as raizas do *dom quichotismo*. Não vacillando em attribuir ao preconceito, irmão congenito da ignorancia, os males que corroem a sociedade, não duvidava impôr á alma as responsabilidades das acções humanas.

N'esse tempo já Gomes Leal tinha nome entre os homens de letras do nosso paiz. Bafejára-o no berço o estro poetico, e Calliope sorria-se de contente ao escutar os primeiros accordes da sua lyra meio areste, meio

suave. As *Claridades do Sul* fixavam o termo de uma luta a que se propuzera ; os excerptos do *Anti-Christo* denunciavam os primeiros raios de uma nova luta por encetar. O alvorecer de amanhã secundando as penumbras de hoje e extinguindo as trevas de hontem!

Gomes Leal encetara o trilho das grandes aspirações ; tinha ante si o campo vasto e pouco explorado das tradições, da reconstituição do passado, pelo estudo do presente, e da edificação do futuro. Glorioso empenho em que a cada martyr corresponde um heroe, a cada escavação uma Pompea, a cada hieroglypho a legenda de um seculo, a cada pedra um marco milliarío !

Por um d'esses phenomenos mesologicos que sensivelmente influem no organismo humano, fazendo variar a corrente das nossas idéas e impondo-lhe direcção, Gomes Leal viu-se circumdado, envolto em um ambiente diverso do que até então respirára e no qual se inspirára.

A democracia portugueza adormecida, ha mais de meio seculo, salvas rarissimas intermittencias, erguia-se n'um momento de enthusiasmo, e como que galvanizada por encantamento, empenhava-se em afirmar a sua vitalidade, festejando o tricentenario do auctor dos Lusíadas, as festas mais esplendidas e commovedoras que Portugal jámais presenciára. Arrastado pela torrente, Gomes Leal não tardou que se achasse entre as fileiras dos primeiros nadadores, e seu nome ficou vinculado a esta data memoravel e grata pelo poema *A fome de Camões*.

Diga-se aqui em abono da verdade e com a sinceridade com que sempre temos analysado as suas obras, trabalho que demandava critico mais apurado e erudito e ao qual nos impuzemos, com sobeja repugnancia, em satisfação ao pedido de alguns amigos, aos quaes nos compellem o dever da gratidão, de todas as produções de Gomes Leal é esta em que os lampejos do genio, que lhe são tão habituaes, raream. E explica-se este facto pela novidade do genero tratado pelo auctor e pela sua tendencia ao abstracto.

Uma vez impellido, Gomes Leal adjudicou á quantidade de movimento de fóra animado a força innata do seu genio e precipitou-se em vertiginosa corrida. O movimento uniforme, a oscillação isóchrona são peias a que sua imaginação ardente se não sujeita. A' *Fome de Camões* seguiu-se *A Traição*.

O assumpto era fertil, azada a occasião, e Gomes Leal, deixando correr

a penna a paladar do que lhe referia no espirito, escreveu este poema, de sobejo analysado pela imprensa e por alguns escriptores nacionaes e estrangeiros, para que novamente d'elle nos occupemos, e do qual em curto periodo de tempo teria de ver esgotadas quatro das suas edições.

A sorte, porém, parecia empenhada em exaltá-lo, e não satisfeita do triumpho, reservava-lhe a auréola do martyrio. Por um d'esses contrasensos profundos, por uma d'essas aberrações mentaes, cujo resultado impropicio mais de um facto atesta, Gomes Leal foi peccado e encarcerado no Limoeiro. E o que mais espanta e repugna á consciencia humana é que essa perseguição ingloria fosse sancionada por um dos vultos mais gigantes das nossas pugnas pela liberdade da expressão do pensamento !

Realisava a grande maxima de Virgilio : *Tempora mutandus et nos cum illis*.

A correccção ás suas demasias, que Gomes Leal encontrara nas apreciações da imprensa e mesmo na dos seus amigos, cessou então para dar lugar ás provas de sympathia pelo seu infortunio. A justiça social viu-se de encontro á opinião publica, supremo tribunal da consciencia a que ninguém é dado eximir-se, e ao qual mais cedo, ou mais tarde, todos terão de render sincera homenagem.

Já a esse tempo Gomes Leal, embebido na luta, publicava *O Herege*, a mais aprimorada e a melhor das suas produções, e na qual as sintillações do genio corre parelhas com a correccção da phrase e o levantado do estylo. Tem contudo algumas depressões, que deixam entrever o estado oscillatorio do espirito quando foi concluido. Como *A Traição* teve elle quatro edições esgotadas em breves mezes.

O odio, o desejo da vingança, a consciencia que Gomes Leal tinha da insignificancia de um dos promotores da sua prisão, fizeram com que elle publicasse no *Mandarim* o celebre soneto epigrammatico em que ridicularizava os dotes physicos do sr. Arrobás, governador civil de Lisboa, sendo por isso condemnado em audiencia correccional a oito dias de prisão, multa e custas de processo.

Desde então, por effeito das proprias circumstancias, os cognomes com que elle designara o governador civil começaram a circular com insistencia, sendo até pronunciados pelo rapazio e reproduzidos nos theatros populares.

Vieo em seguida *O Renegado*, carta ao velho pomphletario o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, que, com-

quanto fosse bem accete pela sociedade lisbonense, não colheu contudo os louros a que o auctor se habituara.

Duas foram as causas d'esta baixa relativa na apreciação dos poemas ultimos do auctor: arrefecera na imaginação popular a lembrança da sua prisão, e a forma acre e extremamente rude da phrase, invectivando uma determinada pessoa. Gomes Leal quiz synthetisar o homem politico que se prostitue mercenariamente, e só conseguiu desenvolver um negro sudario e as depressões de um espirito outr'ora austero.

Um facto recente tornou Gomes Leal, por dias o topico das conversações e das discussões da imprensa — a aggressão de que fôra alvo entre Estarreja e Aveiro, no seu regresso do Porto para Lisboa, sua residencia.

Este facto foi commentado por varios modos, mas afinal a opinião geral ou pelo menos a da maioria é que a aggressão existiu. Põem-se, porém, em duvida alguns pormenores.

Por estas linhas que traçamos com a consciencia da nossa missão, verão os leitores que Gomes Leal não é um pensador ou o iniciador de uma escola, quer na arte, quer no genero, mas sim um poeta de genio, de lampejos sublimes, irreflectido, desigual por vezes e sobretudo impressionavel.

E a estas ultimas circumstancias deve elle, infelizmente, o não haver ainda alcançado a reputação subida a que o seu talento lhe dá jus.

D'sculpam-se-lhe, porém, esses pequenos defeitos ao saber-se que Gomes Leal é ainda moço e que a sua vida, até ha pouco, tinha sido descuidada, despida de contrariedades e d'svellada por uma mãe que o estremece e que n'elle resume toda a sua existencia.

G. BENEVIQUES.

FESTEJOS DE ENTERRO

Eu não sei o que valem para um morto a voz dos sinos e o clarão dos cirios!
O morto é um triste que chegou ao porto,
Um viajante que adormece em lyrios!

Deixae dormir em paz o seu conforto!
Cessin na rasa campã os seus martyrios!
Não atrois as solidões d'esse horto
com vãs pompas do mundo e seus delirios!

Por que são tantas galas e festejos!
tantos ruidos pois! tantos cortejos!
O' dementes mortaes! tanta alegria?...

O' visionarios vãos andais em erro!
—Eu só onço os repiques d'um enterro,
e o dobre funeral da Monarchia.

GOMES LEAL.

COISAS DA REALLEZA

A mulher, segundo as leis portuguezas, não pôde fazer parte dos corpos legislativos ou administrativos, nem sequer intervir na escolha dos membros d'essas corporações, por se presumir bem ou mal (é questão que agora não discutiremos) que não tem as qualidades precisas para desempenhar com proveito as altas funções de legisladora, administradora e eleitora.

Se porém a mulher é filha primogenita do imperante, e não tem irmãos do sexo masculino, presume-se então que tem capacidade mais que sufficiente para a suprema direcção do paiz.

A mulher é filha do povo? É incapaz, é indigna, é uma coisa na ordem politica, como o foi n'outros tempos na ordem civil.

É filha de reis? Então nasceu predestinada, tem o sello indelevel da graça, e não pôde enganar, nem ser enganada.

É por isso que ella é competente para nomear legisladores, e demais a mais sem numero fixo, para sancionar ou regeitar as resoluções do parlamento, para dissolver a camara dos representantes do povo, para nomear e demittir livremente os ministros d'estado, para suspender os magistrados judiciaes, e fazer outras coisas mais de que resa o artigo 74 da nossa carta d'alforria.

Porque é que a mulher do povo não é nada politicamente, e a da casta real pode ser tudo?

Podíamos responder, como o grande homem da egreja — *Credo quia absurdum*. Mas preferimos dar a verdadeira razão, porque a temos infelizmente. A mulher da casta real pôde ser tudo na falta de irmãos, porque o paiz, sem embargo das apparencias em contrario, não é no fundo senão um feudo da dinastia.

Grandola.

J. JACINTHO NUNES.

SONETO

Excede contos mil a grande palhaçada,
A festa realenga, impopular função,
Que affecta a nossa honra, a honra da nação
Outr'ora rica, altiva e hoje arruinada.

A côrte folga e ri, ha muito preparada
Para assistir de graça ao regozijo vão,
E o povo, que trabalha, o misero sem pão,
Pagará, condemnado, as custas da farçada!

E quando um povo geme, exaustão, perseguido,
Enfermo, semi-nú, com fome envilecido,
Insultam-lhe o soffrer com hymnos festivaes!

Qu'importa á realleza universal miseria?
Aos principes e reis, familia honesta e séria,
Até servem de gozo os prantos dos mortaes!

ANSELMO XAVIER.

AS LOTERIAS

Uma das grandes causas que tem conduzido o nosso paiz ao estado lastimoso em que se encontra é inquestionavelmente a falta de estudos economicos. Desde as altas regiões do Estado até ao simples operario não se encontra uma idéa sequer, que tenha por fim desenvolver o capital, dando-lhe uma direcção util. O que todos procuram é viver; gastar hoje sem previdencia nem economia. D'este estado resulta a desarmonia completa de interesses, o desfalque das forças productivas, e, mais ou menos remotamente, a miseria invadindo todas as classes, e por fim a nação annihilada ter de passar por uma d'essas revoluções monstruosas.

Não temos nem sociedades cooperativas, nem associações profissionais, nem caixas economicas, e até as associações de soccorros na doença são uma lastima, forças perdidas no meio d'este fausto apparente, encobrido muitas desgraças. Pois a economia é tudo; o trabalho e a intelligencia sem este director nada podem conseguir, organizar e solidificar.

Não basta ser rico, é necessario saber dar ao capital uma direcção util; as mais pequenas parcelas economicamente administradas, são como tenues elementos que servem para formar a base de um grande edificio.

Se os poderosos precisam de ser economicos para não desbaratarem as suas fortunas, que alto grau de previdencia não requerem as classes pobres, em que a mais pequena moeda representa tanto trabalho, e por vezes dolorosos sacrificios?

Pois uma das causas fataes que absorve os seus parcos haveres são as loterias. O jogo e o vinho são os dois vicios mais horribeis, que absorvem e matam a intelligencia, conduzem ao desespero e rebaixam a dignidade. Uma casa de loterias não é mais do que uma escola de desmoralisação aberta ao publico. Externamente era um beneficio para a sociedade e principalmente para as classes pobres.

Um dos actos da Convenção franceza foi suprimir a loteria nacional, que fôra estabelecida em 1776.

O Director o restabeleceu-a depois com muitas restricções, mas em 1836 foi completamente abolida.

Um governo que fôr sabio e economico deve abolir completamente as loterias, e impor penas rigorosas a quem transgredir a lei.

São prohibidas as loterias estrangeiras. Mas que fazem as authoridades? mandam prender um ou outro dos miseraveis que ahi pelas ruas vendem as cautellas, deixando impunes os donos dos estabelecimentos, que francamente traficam n'esta industria duplicadamente criminosa.

As loterias são uma escola de vadios, muitos braços roubados ao trabalho honesto e util, o infitramento do jogo em todas as classes, a perda de muitas quantias, que, depositadas n'um banco, serviriam de alivio n'uma occasião fatal ao homem de poucos haveres. As loterias são uma contribuição permanente que todos pagam; para os pobres representa um meio directo de augmentar a fortuna dos ricos.

Que vos pôde sahir n'uma pequena cautella? Porventura a vossa independencia?

O jogo é o vicio mais horrivel da sociedade, a as loterias não são outra cousa. Comprehendo o povo quanto é nocivo este engodo fatal; guarde as suas economias; não desbarate o fructo do seu trabalho e acabe-se por esta fórma de concorrer para a prosperidade d'estes antros, inflorados de uma esperança illusoria, até que emfim um dia o governo digno, que tome a peito o bem estar das classes operarias, mande fechar todos esses estabelecimentos, que são, repetimos, escolas de um vicio, e dos que mais damnos causam em todas as classes.

A imprensa cumpria fechar as suas columnas áquelles annuncios e levantar uma crusada n'este sentido.

A sociedade necessita de muitas reformas; é urgente ir esboçando estes quadros, preparar a opinião publica na comprehensão d'estas verdades, fazendo conhecer aonde estão os erros da nossa vida actual e como se devem corrigir.

COSTA GOODOLPHIM.

CHRONICA

A cidade, attonita, registra com profunda tristeza tres grandes e extraordinarios acontecimentos: — o côrte das arvores do Rocio, a abertura do parlamento portuguez (leia-se da praça de S. Bento) e a intervenção da força armada n'um espectáculo do Principe Real.

Nada nos surprehende, com effeito, que o sr. presidente da camara, de accôrdo com o governo e aproveitando o silencio da noite, mandasse cortar barbara e brutalmente vinte formosas arvores da praça de D. Pedro. Corre no vulgo que os nossos municipios uma unica missão comprehendem — tudo destruir e nada edificar! Depois tratava-se de festejar a vinda a Lisboa de um rei hespanhol. O povo aqui — o povo que paga e que produz! — é zero, em frente da magestade d'essa nação, que, pela bôca dos seus ministros confessa alimentar instinetos invasores...

E por tanto para dar uma prova clara do nosso *grande valor*, como pequena nação, regida pelo dedo omnipotente do sr. Fontes, faz-se isto — mandam-se cortar as vinte formosas arvores do Rocio com grave prejuizo da saude e da hygiene dos municipios, inventa-se uma parada ostentosa para mostrar a p-queuez e a indisciplina do nosso exercito e gastam-se MIL CONTOS, para agradar aos dois reis da peninsula e aos seus aulicos submissos, ao passo que se deixam na ignorancia, sem escolas e sem instrucção, 3:751:774 (tres mil, setecentos e cincoenta e um mil, setecentos e setenta e quatro) portuguezes.

Chama-se a isto, meus caros e illustres concidadãos, legislar com prudencia, com sabedoria e com senso-commun...

Suppunhamos nós que o principal caracteristico dos municipios seria a sua perfeita independencia dos governos. Tudo illusão! Os ministros do reino habituaram-se a dispor dos presidentes das camaras como quem dispõe de um vassallo obediente. E quando succede, como em Grandola haver um presidente brioso, altivo e digno, ai d'elle! porque cá está o sr. Arrobas e a sua policia para lhe castigar o brio, a altivez e a dignidade...

Ora pois, senhores da monarchia, é assim que se procede quando se tem uma comprehensão clara e nítida das instituições que nos regem...

O sr. Baptista Machado, nosso pasado collega do *Seculo*, lembra-se de fazer uma revista do anno recheada de bom humor, de ditos alegres e de phrases scintilantes. O empresario do *Principe Real* pôe em scena essa peça, com grande applauso do publico. Que fizeste, ó diabo! O sr. commissario manda invadir a platea por nu-

merosos policias, cujas entradas são impostas ao bilheteiro á viva força. Um policia pateia o actor que representava o papel allusivo ao sr. Arrobas, governador civil. Os espectadores, exasperados, pedem ordem, voltados para o camarote da auctoridade. Esta abandona o espectáculo, e no fim do segundo acto, depois de terem sahido os espectadores a plateia e o palco são invadidos por uma força da guarda municipal que obriga a evacuar a sala. Note-se: a ordem restabelecer-se immediatamente e a representação tinha corrido na maior serenidade até ao fim.

Alguns espectadores mais escrupulosos ainda ousaram perguntar, se de facto estariamos na Hottentocia. Perdão! Não estavamos... Este caso singularissimo, unico nos annaes da selvageria policial, passava-se em Lisboa no anno da graça de 1882, sob o consulado reinadio do pesado conselheiro o sr. Antonio Maria Barreiros Arrobas.

E para exemplo a futuros empresarios é isto quanto basta.

No proximo numero faremos uma ligeira digressão pelo mercado de S. Bento, onde, entre outras ignuarias, se vendem colonias a estrangeiros a preços modicos.

SILVIO.

EXPEDIENTE

Condições da assignatura

LISBOA	
Trimestre ou 6 numeros.....	210
Semestre ou 12 numeros.....	480
PROVINCIAS E ILHAS	
Semestre ou 12 numeros.....	500
Anno ou 24 numeros.....	13000
PARA O ESTRANGEIRO	
Acresce o porte do correio.	
BRAZIL	
Anno ou 24 numeros, moeda forte.	23100
Avulso 40 réis, e 15 dias depois da publicação	80 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da GALERIA REPUBLICANA, João José Baptista, kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

No proximo numero damos o retrato de Henrique Nogueira.